

educação financeira?

“Em consonância com o Banco Central do Brasil, entendemos que a Educação Financeira representa um meio de prover conhecimentos e informações sobre finanças pessoais que podem contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades. Desse modo, a Educação Financeira se configura como um instrumento capaz de promover o desenvolvimento econômico e social”, responde o professor Josué Bertolino, professor e coordenador dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Anhanguera Educacional de Pindamonhangaba.

Segundo Fabio Moraes, diretor de Educação Profissional e Financeira da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), o objetivo da educação financeira é ainda fazer com que pessoas saibam fazer melhores escolhas financeiras visando o seu bem-estar. Isso vai além de cuidados para o não endividamento, mas inclui investimentos, poupança e formação de patrimônio.

“Se há dez anos o assunto passou a ser priorizado em função de um momento de aceleração da economia e por termos mais pessoas usando o crédito, com risco delas se enrolarem. Agora, o problema é a crise. As pessoas precisam se controlar, senão vão também se enrolar”, afirmou ele. “O dilema é sempre o mesmo: não gastar demais”.

Nas escolas, profissionais de educação orientam a garotada de modo contextualizado, utilizando atividades e situações-problemas de modo significativo para o aluno. “Por exemplo, em um grupo, alunos simulam uma família que trabalhou e recebeu um valor limitado (utilizando cédulas de brinquedo). Com ele, todos deverão verificar as despesas e os orçamentos domésticos, sem que isso comprometa a renda. A atividade ocorre sob orientação e tutoria do professor”, exemplifica Bertolino.

“Além de despertar grande interesse, com interação e socialização, a atividade faz também com que reflitam

e entendam que esta não é uma tarefa fácil para os dias atuais e que é preciso dar continuidade a esse tema dentro do processo de ensino-aprendizagem”, continuou o educador.

“Quando se planeja atividades de modo lúdico, não há conteúdo ‘chato’! Os alunos gostam. Inclusive, a maioria vai para casa e compartilha as informações com a família. Portanto, é fundamental que sejam desenvolvidas atividades de acordo com a faixa etária e o ano (série) em que o aluno estuda, observando o currículo e as orientações e diretrizes educacionais”, concluiu ele.

Para Fabio Moraes, da Febraban, aos sete anos de idade uma criança já tem noção sobre dinheiro. “Nessa idade, ela já pode ter seu próprio dinheiro, fazer uma poupança. Especialistas falam, inclusive, que essa é a hora de instituir mesadas, por exemplo, R\$ 30 por mês se ela arrumar a cama ou guardar os brinquedos. Porque assim, a criança começa a ser entender que o dinheiro é ganho a partir de uma ação dela”, disse.

“Existem estudos que mostram que educação financeira muda comportamentos a longo prazo desde que atenda a questões específicas, por exemplo, como faço para sair da dívida do cartão. Por que é algo que tem que fazer sentido para quem está aprendendo e, de preferência, envolver a família toda”, continuou.

#### **DIVERSÃO.**

Esse foi o mérito do projeto que envolveu o Instituto Brasil Solidário e o Bank of America Merrill Lynch e deu origem a dois jogos: “Piquenique” e “Bons Negócios” que, de forma dinâmica e didática

apresentam os desafios recorrentes do dia a dia, da estratégia de compra e venda até a tomada de decisões na aplicação dos recursos disponíveis, que podem se multiplicar ou se esgotar de acordo com a ação do jogador.

A intenção é unir o entretenimento à uma ferramenta que serve como complemento às disciplinas já vistas em sala de aula. “O projeto nasceu há quatro anos. O Bank of American tem um projeto com adolescentes. Eles viram a possibilidade de criar jogos com o conceito de educação financeira e chamaram especialistas em educação. No entanto, eles não sabiam como criar a logística desse jogo. Foi onde entramos. Queríamos algo que tivesse uma solução simples, mas fosse de alto impacto e interessante para o público final (família, alunos, educadores). Então, eles chegaram com 60% da ideia montada e entramos na fase final para arrematar o

O número de pessoas com o nome sujo ou endividadas alcançou 63,2 milhões em abril, segundo dados da Serasa Experian. O número equivale a 40,4% da população adulta do país

